

Psicologia em Pesquisa

<https://periodicos.ufjf.br/index.php/psicologiaempesquisa>

Características Sociodemográficas e Medidas de Saúde Mental em Usuários de Cogumelos Psicoativos

Sociodemographic Characteristics and Measures of Mental Health in Users of Psychoactive Mushrooms.

Características Sociodemográficas y Medidas de Salud Mental en Usuarios de Hongos Psicoactivos

Roger Andrade Bressiani¹ & Paulo Rogério Morais²

¹ Universidade Federal de Rondônia. *E-mail:* roger.hab@gmail.com *ORCID:* <https://orcid.org/0000-0002-1819-6588>

² Universidade Federal de Rondônia. *E-mail:* paulo.morais@unir.br *ORCID:* <https://orcid.org/0000-0002-0336-3793>



Informações do Artigo:

Roger Andrade Bressiani

roger.hab@gmail.com

Recebido em: 19/03/2024

Aceito em: 01/04/2025

RESUMO

Em um contexto de uso difundido de cogumelos psicoativos, o objetivo deste estudo foi descrever características sociodemográficas e medidas de saúde mental em uma amostra não-probabilística de usuários de cogumelos psicoativos no Brasil. A coleta on-line incluiu um questionário sociodemográfico e a Escala de Depressão, Ansiedade e Estresse (DASS-21). A amostra composta por 246 participantes, idade média de 29,5 anos (DP = 8,56), 54,1% homens, 83,7% com ensino superior ou mais e de todas as regiões do país apresentou maior prevalência de sintomatologia "Normal/Leve" para as três condições avaliadas, com uma parcela reduzida apresentando sintomas mais graves.

PALAVRAS-CHAVE:

Psilocybe cubensis; Demografia; Depressão; Ansiedade; Estresse.

ABSTRACT

In a context of widespread use of psychoactive mushrooms, the objective of this study was to describe the sociodemographic characteristics and mental health measures in a non-probabilistic sample of psychoactive mushroom users in Brazil. The online data collection included a sociodemographic questionnaire and the Depression, Anxiety, and Stress Scale (DASS-21). The sample, consisting of 246 participants with an mean age of 29.5 years (SD = 8.56), 54.1% male, 83.7% with higher education or more, and from all regions of the country, showed a higher prevalence of 'Normal/Mild' symptomatology for the three conditions evaluated, with a small proportion presenting more severe symptoms.

KEYWORDS:

Psilocybe cubensis; Demographics; Depression; Anxiety; Stress.

RESUMEN

En un contexto de uso difundido de hongos psicoactivos, el objetivo de este estudio fue describir las características sociodemográficas y medidas de salud mental en una muestra no probabilística de usuarios de hongos psicoactivos en Brasil. La recogida de datos en línea incluyó un cuestionario sociodemográfico y la Escala de Depresión, Ansiedad y Estrés (DASS-21). La muestra, compuesta por 246 participantes con una edad media de 29,5 años (DE = 8,56), 54,1% hombres, y 83,7% con educación superior o más, provenientes de todas las regiones del país, mostró una mayor prevalencia de sintomatología "Normal/Leve" para las tres condiciones evaluadas, con una pequeña proporción que presentó síntomas más graves.

PALABRAS CLAVE:

Psilocybe cubensis; Demografía; Depresión; Ansiedad; Estrés.

Cogumelos psicoativos têm sido utilizados ao longo de milênios em diferentes culturas com objetivos religiosos e terapêuticos. No Império Asteca, os cogumelos eram incorporados em cerimônias de oferendas divinas e estudos etnobotânicos elucidaram o uso moderno de pelo menos 20 espécies de cogumelos em tribos no sul do México (Edmundo, 2020; Fanhofmann, 2019; Griffiths et al., 2006). Muitos desses cogumelos contêm psilocibina, um triptamina extraordinariamente biodinâmica com uma cadeia lateral fosforilada, e um derivado instável, a psilocina (Schultes, 1969).

A psilocibina é naturalmente presente em cogumelos do gênero *Psilocybe* e no organismo é metabolizada em psilocina (4-hidroxi-N,N-dimetiltriptamina), que apresenta estrutura química semelhante à serotonina e pode atravessar a barreira hematoencefálica e atua como agonista nos receptores da serotonina 5-HT_{2A}, sendo responsável pelos efeitos psicodélicos (Passie et al., 2002). Os efeitos psicológicos da psilocibina, semelhantes a outros psicodélicos, incluem alterações significativas na percepção, cognição, afetividade, volição e funções somestésicas. Estes podem envolver mudanças sensoriais, flutuações de humor e fenômenos dissociativos (Griffiths et al., 2006). Além disso, demonstra potencial para aumentar o bem-estar e reduzir o sofrimento psicológico, o que tem suscitado interesse em seu uso para o estudo do cérebro e doenças mentais (Edmundo, 2020).

A psilocibina tem sido extensivamente estudada, incluindo ensaios clínicos para depressão maior unipolar resistente ao tratamento e depressão e ansiedade em pacientes com câncer e risco de vida (Carhart-Harris et al., 2016, 2017, 2018; Griffiths et al., 2016; Grob et al., 2011; Roseman et al., 2018; Ross et al., 2016; Watts et al., 2017). A FDA (*Food and Drug Administration*) concedeu permissões para estudos de fase 3 com psilocibina no tratamento de sofrimento relacionado ao fim de vida e depressão persistente (Doblin, 2015; Nichols, 2014; Phelps, 2017).

Apesar das predominantes políticas proibicionistas das substâncias psicodélicas, elas são amplamente empregadas em contextos não clínicos ou científicos, abrangendo várias partes do globo. Tal uso ocorre por motivos de curiosidade, experiências místicas e introspecção (Krebs & Johansen, 2013). Legalmente, tanto a psilocibina quanto a psilocina em suas formas extraídas figuram na Lista de Substâncias Psicotrópicas proibidas no Brasil (Ministério da Saúde, 1998). No entanto, os cogumelos contendo psilocibina não estão abrangidos por essa regulamentação. No Brasil, esses cogumelos são utilizados recreativamente *in natura*, de

maneira recreacional e hedonista, em parte devido à facilidade de aquisição on-line, à sua abundância devido à pecuária, assim como à ausência de regulamentação (Diniz, 1999; Escobar & Roazzi, 2010).

Uma pesquisa nos EUA baseada em dados de 2010 estimou que mais de 32 milhões de pessoas utilizaram psicodélicos, incluindo psilocibina, LSD e mescalina (Krebs & Johansen, 2013). O uso de psilocibina é particularmente comum entre jovens adultos, uma tendência impulsionada pelo acesso facilitado às informações sobre instruções acerca de como encontrar cogumelos selvagens, cultivo doméstico, bem como sobre seus efeitos e formas de utilização (Diniz, 1999; Krebs & Johansen, 2013).

Um estudo etnográfico visou identificar características de indivíduos em comunidades on-line sobre drogas psicoativas (e-psiconautas) e descobriu-se que 21% teve sua primeira experiência psicodélica com cogumelos psicoativos, dos quais cerca de 13% reportaram uso regular e os fungos com psilocibina (*Psilocybe cubensis/cyanescens/semilanceata/azurescens*) foram os mais populares (85%) (Orsolini et al., 2015).

O III Levantamento Nacional sobre o Uso de Drogas pela População Brasileira apontou que 1,1% e 0,71% dos brasileiros entre 12 e 65 anos já consumiram alucinógenos (LSD, Ayahuasca e cogumelos) e MDMA/Ecstasy, respectivamente (Bastos et al., 2017), pelo menos uma vez na vida. Este mesmo levantamento destacou o predomínio do uso de álcool (66,4%) e tabaco (33,5%), evidenciando o elevado índice de dependência com essas substâncias (Bastos et al., 2017). O *Global Drug Survey* (GDS) de 2020, que abrangeu mais de 900.000 participantes em 25 países, revelaram que 16,1% dos respondentes relataram o uso de cogumelos psicoativos no último ano (Winstock et al., 2021). Uma seção específica sobre cogumelos mágicos, respondida por 11.000 participantes, evidenciou diversas motivações para o uso, incluindo tratamento psiquiátrico (13,2%), busca por bem-estar (55%) e enfrentamento

de preocupações emocionais (31,7%). O Brasil foi o sexto país com o maior número de respondentes (4,7%) nessa seção. Os padrões predominantes de uso foi de 1 a 10 vezes no último ano (55,5%), seguido pelo uso em uma única ocasião (34,1%) (Winstock et al., 2021).

Efeitos adversos decorrentes do uso de cogumelos psicoativos envolvem a necessidade de gerenciar a ansiedade durante a experiência, especialmente relacionada a distorções de pensamentos. Altas doses, uso simultâneo com outras substâncias e múltiplas doses estão associados a emergências (Bienemann et al., 2020). Embora possa elevar moderadamente a pressão arterial e causar dores de cabeça temporárias, a psilocibina tem perfil de risco baixo e alta segurança, mesmo em ambientes não supervisionados. Ainda que haja desenvolvimento de tolerância, não tem potencial de causar dependência. Diferentemente de outras substâncias, os agonistas dos receptores 5-HT_{2A}, como a psilocibina, não apresentam efeitos que levam ao vício, pois não afetam diretamente os sistemas dopaminérgicos do cérebro (Nichols, 2016; Passie et al., 2002; Schenberg, 2018).

Durante o período pandêmico, estudos revelaram 60% dos participantes relatando estresse elevado, 57,5% ansiedade e 26% depressão, além de associações significativas entre essas condições (Lipp & Lipp, 2020, 2022). Em 2022, após o período mais crítico da pandemia, Lipp et al. (2023) identificaram uma redução nesses índices, com 24% de prevalência de estresse, 36,6% de ansiedade e 26% de depressão.

Diante do cenário de desafios crescentes à saúde mental e do uso difundido de cogumelos psicoativos, o presente estudo teve o objetivo de descrever as características sociodemográficas e medidas de saúde mental em uma amostra não-probabilística de usuários de cogumelos psicoativos do gênero *Psilocybe cubensis* no Brasil.

Método

Trata-se de um estudo descritivo, com delineamento transversal e abrangência nacional. O recrutamento de participantes se deu por meio da veiculação de postagens nas redes sociais Instagram, Facebook, WhatsApp e Telegram, seguindo o método bola de neve (Biernacki & Waldorf, 1981; Daldegan-Bueno et al., 2022; Morais et al., 2022). Os instrumentos usados para a coleta de dados foram dispostos em um formulário on-line para autopreenchimento. O questionário ficou disponível nessas redes sociais para preenchimento entre os meses de fevereiro e setembro de 2022.

Os critérios para inclusão na amostra foram: idade igual ou superior a 18 anos, autorrelato do uso de cogumelos psicoativos em pelo menos uma vez na vida em que os efeitos tenham sido percebidos.

Para a coleta dos dados foram empregados os seguintes instrumentos e escalas:

1. Questionário Sociodemográfico, Socioeconômico e Histórico Clínico: composto por questões necessárias para a caracterização da amostra, incluindo informações sobre gênero (masculino, feminino e outros que não se identificam com a classificação binária), idade, estado civil, número de filhos, condições de habitação, renda, religião, escolaridade, ocupação (estudantes, trabalhadores e aqueles que não se identificam com as demais classificações), local de residência, e histórico de uso de substâncias psicoativas.

2. Escala de Depressão, Ansiedade e Estresse, versão reduzida (DASS-21): composta por 21 itens, respondidos em escala Likert de quatro pontos, e sub agrupados em subescalas específicas para avaliar sintomas de depressão, ansiedade e estresse (Lovibond & Lovibond, 2004). Este instrumento foi adaptado e validado para o português do Brasil e apresentaram bons indicadores psicométricos (Vignola, 2013; Vignola & Tucci, 2014). Para depressão, os pontos de corte são: Normal/Leve: 0-9; Mínimo: 10-13; Moderado: 14-20; Grave: 21-27; Muito

Grave: 28+. Para ansiedade: Normal/Leve: 0-7; Mínimo: 8-9; Moderado: 10-14; Grave: 15-19; Muito Grave: 20+. E para estresse: Normal/Leve: 0-14; Mínimo: 15-18; Moderado: 19-25; Grave: 26-33; Muito Grave: 34+ (Lovibond & Lovibond, 2004).

Os instrumentos foram formatados e organizados no Google Forms (<https://www.google.com/forms/about/>) em seções sequenciais. Os participantes que acessaram o *link* divulgado foram direcionados para uma página com informações sobre a pesquisa e o termo de consentimento. Aqueles que concordaram em participar foram direcionados aos formulários referentes aos instrumentos. Ao final da coleta, os dados foram salvos em uma planilha na plataforma do Google e exportados para uma planilha compatível com os programas IBM SPSS Statistics (versão 24.0). Antes das análises, os dados foram submetidos à avaliação crítica para identificação e tratamento das inconsistências no preenchimento (por exemplo: diferentes entradas de idade, como anos totais vividos; detecção e exclusão de respostas duplicadas etc.). Nesta etapa também foram criados códigos numéricos para as respostas das variáveis categóricas.

A análise das variáveis categóricas foi conduzida com base nas frequências absolutas de cada categoria, empregado o teste qui-quadrado. Em todas as análises foi adotado o nível de significância de 5%.

Este protocolo de pesquisa foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Rondônia sob o número CAAE 54105821.7.0000.5300.

Resultados

Um total de 264 indivíduos responderam ao formulário eletrônico. Após o processamento inicial dos dados, alguns destes não foram incluídos na amostra devido a critérios como idade inferior a 18 anos (dois), respostas incompletas (um) e inconsistências nos

formulários, como ter informado que nunca utilizou cogumelos ou psicodélicos (15), totalizando 18 respondentes excluídos. A amostra final foi composta por 246 indivíduos. As características sociodemográficas e socioeconômicas estão apresentadas na Tabela 1.

Observou-se uma maioria de homens (54,1%) na amostra, com idade média de 29,5 anos. A maioria dos participantes era solteira ou em relacionamentos casuais (64,4%), não tinha filhos (79,7%), possuía educação avançada (83,7%). A ocupação principal era de trabalhadores (70,7%) e a maioria (55,7%) ganhava até 4 salários-mínimos.

No que diz respeito à religião, a maioria se identificou como sem religião ou ateus (58,1%). Em termos de região de residência, a maioria dos participantes morava no Sudeste (48%), seguido pelo Norte (24,8%), Nordeste (11,4%), Sul (8,5%) e Centro-Oeste (7,3%).

Quase a totalidade da amostra (96,7%) afirmou ter algum conhecimento sobre os cogumelos psicoativos e 70,7% dos participantes afirmaram ter conhecimento sobre os efeitos esperados conforme mostrado na Tabela 2.

A respeito da prevalência de sintomas de depressão, ansiedade e estresse (Tabela 3), a maioria dos participantes apresentou sintomas na faixa "Normal/Leve" (58,1% para Depressão; 57,3% para Ansiedade; e 64,6% para Estresse) conforme medido pelo instrumento DASS-21.

Cerca de 18% dos participantes foram identificados como tendo sintomas de depressão classificados como "Graves" ou "Muito Graves", e 21,5% alcançaram pontuações indicativas de sintomas "Graves" ou "Muito Graves" de ansiedade, enquanto 12,2% apresentaram sintomas de estresse nessas categorias.

Tabela 1

Características Sociodemográficas e Socioeconômicas de Usuários de Cogumelos Psicoativos (N = 246).

Variável		N (%)	χ^2 (df); p
Sexo/Gênero	Masculino ^a	133 (54,1)	105 (2); <0,001
	Feminino ^a	105 (42,7)	
	Outros/Não-binário ^b	8 (3,3)	
Idade em anos [média (DP)]		29,5 (8,56)	
Situação conjugal	Solteiro (a)/Relacionamento casual ^a	159 (64,4)	131 (2); p <0,001
	Casado(a)/mora com parceiro(a) ^a	74 (30,1)	
	Divorciada(o)/Separada(o)/Viúva(o) ^b	13 (5,3)	
Possui filhos	Sim ^a	50 (20,3)	87 (1); p <0,001
	Não ^b	196 (79,7)	
Com quantas pessoas moram [média (DP)]		1,91 (1,49)	
Nível de escolaridade	Educação Avançada (Graduação/Pós-graduação) ^a	206 (83,7)	112 (1); p <0,001
	Educação básica (igual ou inferior ao ensino médio) ^b	40 (16,3)	
Ocupação	Estudantes ^a	60 (24,4)	169 (2); p <0,001
	Trabalhadores ^b	174 (70,7)	
	Não estuda/trabalha ^c	12 (4,9)	
Renda Familiar	Até 4 salários mínimos ^a	137 (55,7)	3 (1); p 0,074
	Acima de 4 salários mínimos ^a	109 (44,3)	
Religião	Sem religião / Ateu ^a	143 (58,1)	7 (1); p 0,011
	Com religião ^a	103 (41,9)	
Prática religiosa	Praticantes (com religião) ^a	60 (59,4)	4 (1) p 0,59
	Não Praticantes (com religião) ^a	41 (40,6)	
Região (residência)	Norte ^a	61 (24,8)	144 (4); p <0,001
	Nordeste ^b	28 (11,4)	
	Centro-Oeste ^b	18 (7,3)	
	Sudeste ^c	118 (48,0)	
	Sul ^b	21 (8,5)	

Nota. Cada letra de subscrito denota um subconjunto de categorias de frequências com proporções de coluna que não diferem significativamente entre si no nível de 0,05.

Tabela 2

Conhecimento Prévio dos Indivíduos sobre Cogumelos Psicoativos (N = 264).

Variável	N (%)	χ^2 (df); p
Conhecimento sobre os cogumelos psicoativos.	238 (96,7)	215 (1); p < 0,001
Sim _a	8 (3,3)	
Não _b		
Conhecimento sobre os efeitos esperados.	174 (70,7)	144 (4); p < 0,001
Sim _a	72 (29,3)	
Não / Não tinha certeza _b		

Nota. Cada letra de subscrito denota um subconjunto de categorias de frequências com proporções de coluna que não diferem significativamente entre si no nível de 0,05.

Tabela 3

Sintomas de Depressão, Ansiedade e Estresse (Dass-21) em Usuários de Cogumelos Psicoativos (N = 246).

DASS-21	Depressão	χ^2 (df);	Ansiedade	χ^2 (df);	Estresse	χ^2 (df);
	N (%)	p	N (%)	p	N (%)	p
Normal/Leve	143 (58,1) _a		141 (57,3) _a		159 (64,6) _a	
Mínimo	28 (11,4) _b	224 (4);	15 (6,1) _b	219 (4);	24 (9,8) _b	311 (4);
Moderado	30 (12,2) _b	p < 0,001	37 (15) _c	p < 0,001	33 (13,4) _{b,c}	p < 0,001
Grave	19 (7,7) _b		23 (9,3) _{b,c}		19 (7,7) _{b,c}	
Muito Grave	26 (10,6) _b		30 (12,2) _{b,c}		11 (4,5) _b	

Nota. Cada letra de subscrito denota um subconjunto de categorias de frequências com proporções de coluna que não diferem significativamente entre si no nível de 0,05.

Com relação ao uso de outras substâncias psicoativas entre os participantes (Tabela 4), foi observado uso recente (no mês) de maconha (44,7%), álcool (40,2%) e psicodélicos (38,6%). O uso recente de opioides, cocaína, anfetaminas e sedativos foi reportado por menos de 10% dos participantes. Nenhum participante relatou uso de crack, merla ou oxi no último mês.

Tabela 4

Indicadores do Uso de Substâncias Psicoativas (N = 246).

Substâncias / N (%)	Nunca	Uso na vida	Uso no último ano	Uso no último mês	χ^2 (df); p
Álcool	1 (0,4) _a	109 (44,3) _b	37 (15,0) _c	99 (40,2) _b	129 (3); p <0,001
Tabaco	18 (7,3) _a	121 (49,2) _b	35 (14,2) _c	72 (29,3) _d	102 (3); p <0,001
Maconha	12 (4,9) _a	99 (40,2) _b	25 (10,2) _c	110 (44,7) _b	123 (3); p <0,001
Cocaína	138 (56,1) _a	79 (32,1) _b	21 (8,5) _c	8 (3,3) _d	173 (3); p <0,001
Crack/Merla/Oxi	227 (92,3) _a	17 (6,9) _b	2 (0,8) _c	0 (0,0) _c	587 (3); p <0,001
Anfetaminas	162 (65,9) _a	58 (23,6) _b	14 (5,7) _c	12 (4,9) _c	241 (3); p <0,001
Psicodélicos	0 (0,0) _a	97 (39,4) _b	54 (22,0) _c	95 (38,6) _b	99 (3); p <0,001
Opioides	207 (84,1) _a	29 (11,8) _b	4 (1,6) _c	6 (2,4) _c	465 (3); p <0,001
Sedativos	141 (57,3) _a	67 (27,2) _b	22 (8,9) _c	16 (6,5) _c	162 (3); p <0,001

Nota. Cada letra de subscrito denota um subconjunto de categorias de frequências com proporções de coluna que não diferem significativamente entre si no nível de 0,05. Adotou-se o termo “psicodélicos” visando identificar o uso pregresso de substâncias com propriedades psicodélicas sem especificar as substâncias.

Discussão

Este estudo revela um perfil sociodemográfico de usuários de cogumelos psicoativos no Brasil caracterizado predominantemente por jovens adultos do sexo masculino, solteiros ou em relacionamentos casuais, sem filhos e com educação formal avançada (ensino superior ou

pós-graduação), com algum trabalho formal e que não seguem alguma religião. Este perfil alinha-se com amostras de pesquisas internacionais sobre usuários de psicodélicos em diversos países, como Estados Unidos, Reino Unido, Austrália/Nova Zelândia, Canadá, Noruega e países da União Europeia (Orsolini et al., 2015; Roberts et al., 2020; Rootman et al., 2021; Rosenbaum et al., 2020).

O consumo de outras substâncias psicoativas entre usuários de cogumelos psicoativos apresenta padrões distintos comparado à população brasileira em geral. Dados do III Levantamento Nacional sobre o Uso de Drogas pela População Brasileira (Bastos et al., 2017) indicam que a população brasileira, em geral, relatou maior uso de álcool em algum momento da vida (66,4%), comparado à amostra (44,3%). Contudo, a prevalência do uso recente (últimos 30 dias) de álcool, tabaco, cocaína/crack e maconha foi maior entre os usuários de cogumelos do que na população geral. Esses resultados sugerem que usuários de cogumelos psicoativos, em comparação a população brasileira, em geral, apresentam um consumo mais elevado de substâncias lícitas e ilícitas. Essa maior exposição a outras substâncias psicoativas entre os usuários de cogumelos sugere a necessidade de investigar fatores de risco e proteção associados a esse comportamento. Convém observar que estudos associam o uso de substâncias psicodélicas em ambientes naturalistas, incluindo os cogumelos, à redução no consumo de substâncias como álcool e tabaco, entre outras drogas (Garcia-Romeu et al., 2019, 2020; Johnson et al., 2017b). Além disso, ensaios clínicos com o princípio ativo dos cogumelos, a psilocibina, sustentam seu potencial terapêutico para o tratamento de dependência (Bogenschutz et al., 2022; Johnson et al., 2014; Meer et al., 2023).

É importante mencionar que a coleta de dados ocorreu no período pós-pandêmico da COVID-19, fase marcada por adversidades significativas para a saúde mental. A instabilidade política e financeira do período pode ter exercido influência na saúde mental dos participantes

deste estudo, assim como os padrões de consumo de substâncias psicoativas, considerando o aumento no consumo de álcool e outras drogas na população em decorrência do contexto vivenciado durante a pandemia de COVID-19 (Amorim & Santos, 2022; Ramos et al., 2024).

Com relação aos sintomas de depressão, ansiedade e estresse, um estudo brasileiro apontou que, embora atenuadas em comparação ao período mais crítico da pandemia, as prevalências destas condições clínicas ainda se mantiveram superiores aos níveis de anos anteriores à pandemia (Lipp et al., 2023). No presente estudo, em mais da metade da amostra foi observada ausência de sintomas clinicamente relevantes de depressão, ansiedade e estresse. A proporção de participantes que apresentaram sintomas classificados como “Graves” ou “Muito Graves” foi estatisticamente menor do que aqueles com escores indicativos de ausência ou baixa sintomatologia para as três condições avaliadas. Embora o delineamento empregado não permita estabelecer relação causal entre o uso de cogumelos e a baixa prevalência de sintomatologias severas das condições avaliadas, nossos achados são coerentes com os resultados de ensaios clínicos demonstrando que a psilocibina, utilizada sob condições de apoio psicológico, pode reduzir os sintomas de depressão e ansiedade e melhorar a qualidade de vida de pacientes com doenças graves, especialmente em casos de sofrimento psicológico e existencial (Griffiths et al., 2016; Ross et al., 2016). Outros estudos corroboram esses achados, mostrando que a psilocibina, quando administrada com suporte psicológico, promove melhorias nos sintomas de depressão e ansiedade, mudanças positivas na personalidade e bem-estar, apontando que a qualidade da experiência psicodélica aguda é um mediador dessas mudanças (Carhart-Harris et al., 2018; Davis et al., 2021; Erritzoe et al., 2018; Rootman et al., 2021; Roseman et al., 2018).

No estudo de Davis et al. (2019), são relatadas melhorias em quadros de depressão e ansiedade após o uso de 5-MeO-DMT em grupos naturalistas, com a intensidade das experiências místicas e o significado atribuído a elas associados a essas melhorias. Resultados semelhantes foram observados com outros psicodélicos, como a psilocibina e o LSD, que demonstraram eficácia na redução do consumo problemático de álcool (Garcia-Romeu et al., 2019) e na cessação do tabagismo (Johnson et al., 2017a, 2017b) em contextos naturalistas. Em consonância com estes achados, os resultados do presente estudo sugerem que a utilização de cogumelos psicoativos em contextos naturalísticos, fora de ambientes clínicos ou de pesquisa, também pode ter potencial terapêutico. Orsolini et al. (2015, 2017) observaram que indivíduos que consomem regularmente substâncias psicoativas em contextos naturalísticos e adotam práticas responsáveis durante as experiências (os psiconautas), apresentam um padrão de consumo que remete às práticas rituais xamânicas, com preferência por substâncias enteógenas/psicodélicas, visando alguns benefícios evolutivos e terapêuticos.

Embora os achados desse estudo não permitam estabelecer relações causais entre o uso de cogumelos e a saúde mental, eles dialogam com a literatura que sugere o potencial dos psicodélicos na promoção da saúde mental tanto em contextos clínicos controlados, quanto em ambientes naturalísticos. Esses potenciais benefícios terapêuticos oferecem perspectivas alternativas para o uso não médico de substâncias psicodélicas, por exemplo, o uso psiconáutico. Contudo, a complexidade dessas experiências vai além da simples ingestão da substância, pois fatores contextuais, como o ambiente, o suporte disponível, e a qualidade da experiência, desempenham um papel fundamental na modulação dos efeitos imediatos e de longo prazo dos psicodélicos (Erritzoe et al., 2018; Perkins et al., 2021; Sellers, 2017). Além disso, as motivações individuais para o uso de cogumelos psicoativos exercem impacto na configuração dessas experiências, moldando não somente os efeitos agudos vivenciados, mas

também reverberam a longo prazo na saúde mental dos usuários (Kaertner et al., 2021). Completando a tríade indivíduo-contexto-droga (Borkel et al., 2024; Perkins et al., 2021), em vez de considerar a psilocibina somente um facilitador do suporte psicológico, Goodwin et al. (2023) destacam a necessidade de reconhecer o papel central da psilocibina nos desfechos terapêuticos, argumentando que a intervenção farmacológica da substância pode explicar as modificações nos esquemas cognitivos e rupturas emocionais que levam aos resultados terapêuticos.

Portanto, a compreensão dos efeitos dos cogumelos psicoativos exige a consideração tanto dos aspectos farmacológicos quanto dos fatores contextuais e individuais. Estudos mais abrangentes, com amostras diversificadas e delineamentos apropriados, são necessários para elucidar a relação entre o uso de cogumelos psicoativos com desfechos de interesse clínico. Investigações longitudinais com usuários de cogumelos permitirão conhecer melhor como este comportamento pode impactar a saúde mental e identificar os fatores associados a menos sintomas psiquiátricos nesta população.

Os resultados aqui discutidos apresentam limitações que devem ser ponderadas na generalização e interpretação destes achados. O recrutamento realizado por meio de plataformas de mídias sociais resultou em uma amostra autosselecionada, inviabilizando inferências epidemiológicas a partir dos resultados aqui descritos. Além disso, a coleta de dados mediante autorrelato (questionários) pode estar sujeita a vieses de seleção, memória e subjetividade, fatores que podem comprometer a precisão dos dados (Kohlsdorf & Costa, 2009; Salvador et al., 2020). A mensuração dos níveis de depressão, ansiedade e estresse pode estar imprecisa devido ao autorrelato, considerando especialmente a ampla acessibilidade da Internet, tornando os questionários suscetíveis a respostas não sérias, minando potencialmente a validade dos dados coletados por esse meio (Gosling et al., 2004).

Conclusão

Este estudo apresentou uma descrição do perfil sociodemográfico, padrões de uso de substâncias psicoativas e saúde mental de usuários de cogumelos psicoativos no Brasil, um grupo pouco investigado. Considerando o crescente interesse científico sobre os potenciais efeitos terapêuticos dos psicodélicos e da ampla presença de cogumelos psicoativos no contexto brasileiro, os resultados contribuem para melhor compreensão desta população. Embora o método do estudo não permita estabelecer relações causais, nossos achados dialogam com pesquisas internacionais que apontam para possíveis impactos positivos do uso de psicodélicos na saúde mental e pode fundamentar estudos futuros que busquem aprofundar essa temática empregando delineamentos longitudinais que possibilitem conhecer de maneira mais precisa os impactos do uso naturalístico de cogumelos sobre a saúde dos usuários.

Referências

- Amorim, E. G. M., & Santos, D. A. R. (2022). O aumento do consumo de álcool e outras drogas durante a pandemia da covid-19 e seus principais impactos na saúde mental de jovens e adultos. *Moitará - Revista do Serviço Social da UNIGRANRIO*, 1(7), 101–114. Recuperado de <https://publicacoes.unigranrio.edu.br/mrss/article/view/7348>
- Bastos, F. I. P. M., Vasconcellos, M. T. L., Boni, R. B., Reis, N. B., & Coutinho, C. F. S. (2017). *III Levantamento Nacional sobre o uso de drogas pela população brasileira*. ICICT/FRIOCRUZ. <https://www.arca.fiocruz.br/handle/icict/34614>
- Bienemann, B., Ruschel, N. S., Campos, M. L., Negreiros, M. A., & Mograbi, D. C. (2020). Self-reported negative outcomes of psilocybin users: A quantitative textual analysis. *PloS One*, 15(2), e0229067. <https://doi.org/10.1371/journal.pone.0229067>
- Biernacki, P., & Waldorf, D. (1981). Snowball sampling: Problems and techniques of chain referral sampling. *Sociological Methods & Research*, 10(2), 141–163. <https://doi.org/10.1177/004912418101000205>
- Bogenschutz, M. P., Ross, S., Bhatt, S., Baron, T., Forcehimes, A. A., Laska, E., Mennenga, S. E., O'Donnell, K., Owens, L. T., Podrebarac, S., Rotrosen, J., Tonigan, J. S., & Worth, L. (2022). Percentage of heavy drinking days following psilocybin-assisted psychotherapy vs placebo in the treatment of adult patients with alcohol use disorder: A randomized clinical trial. *JAMA Psychiatry*, 79(10), 953–962. <https://doi.org/10.1001/jamapsychiatry.2022.2096>
- Borkel, L. F., Rojas-Hernández, J., Henríquez-Hernández, L. A., Santana Del Pino, Á., & Quintana-Hernández, D. J. (2024). Set and setting predict psychopathology, wellbeing and meaningfulness of psychedelic experiences: A correlational study. *Expert Review of Clinical Pharmacology*, 17(2), 165–176.

<https://doi.org/10.1080/17512433.2023.2295997>

Carhart-Harris, R. L., Bolstridge, M., Day, C. M. J., Rucker, J., Watts, R., Erritzoe, D. E., Kaelen, M., Giribaldi, B., Bloomfield, M., Pilling, S., Rickard, J. A., Forbes, B., Feilding, A., Taylor, D., Curran, H. V., & Nutt, D. J. (2018). Psilocybin with psychological support for treatment-resistant depression: Six-month follow-up. *Psychopharmacology*, 235(2), 399–408. <https://doi.org/10.1007/s00213-017-4771-x>

Carhart-Harris, R. L., Bolstridge, M., Rucker, J., Day, C. M. J., Erritzoe, D., Kaelen, M., Bloomfield, M., Rickard, J. A., Forbes, B., Feilding, A., Taylor, D., Pilling, S., Curran, V. H., & Nutt, D. J. (2016). Psilocybin with psychological support for treatment-resistant depression: An open-label feasibility study. *The Lancet Psychiatry*, 3(7), 619–627. [https://doi.org/10.1016/S2215-0366\(16\)30065-7](https://doi.org/10.1016/S2215-0366(16)30065-7)

Carhart-Harris, R. L., Roseman, L., Bolstridge, M., Demetriou, L., Pannekoek, J. N., Wall, M. B., Tanner, M., Kaelen, M., McGonigle, J., Murphy, K., Leech, R., Curran, H. V., & Nutt, D. J. (2017). Psilocybin for treatment-resistant depression: FMRI-measured brain mechanisms. *Scientific Reports*, 7(13187). <https://doi.org/10.1038/s41598-017-13282-7>

Daldegan-Bueno, D., Révész, D., Morais, P. R., Barbosa, P. C. R., & Maia, L. O. (2022). Psychosocial and drug use assessment of regular vs. non-regular ayahuasca users in a Brazilian sample: A web-based survey. *Substance Use & Misuse*, 57(7), 1072–1081. <https://doi.org/10.1080/10826084.2022.2063896>

Davis, A. K., Barrett, F. S., May, D. G., Cosimano, M. P., Sepeda, N. D., Johnson, M. W., Finan, P. H., & Griffiths, R. R. (2021). Effects of psilocybin-assisted therapy on major depressive disorder: A randomized clinical trial. *JAMA Psychiatry*, 78(5). <https://doi.org/10.1001/jamapsychiatry.2020.3285>

- Davis, A. K., So, S., Lancelotta, R., Barsuglia, J. P., & Griffiths, R. R. (2019). 5-methoxy-N,N-dimethyltryptamine (5-MeO-DMT) used in a naturalistic group setting is associated with unintended improvements in depression and anxiety. *The American Journal of Drug and Alcohol Abuse*, 45(2), 161–169. <https://doi.org/10.1080/00952990.2018.1545024>
- Diniz, O. (1999). *Usos, bioquímica e atividade biológica do psilocybe SSP* [Monografia, Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ].
- Doblin, R. (2015). *From the desk of Rick Doblin, Ph.D. - Summer 2015*. Multidisciplinary Association for Psychedelic Studies (MAPS). <https://maps.org/news/bulletin/articles/5833-bulletin-summer-2015/5872-from-the-desk-of-rick-doblin-summer-2015>
- Edmundo, P. (2020). Usos terapêuticos da psilocibina. In F. Beserra & S. Rodrigues, *Psicodélicos no Brasil: Ciência e Saúde* (p. 49–68). Editora CRV.
- Erritzoe, D., Roseman, L., Nour, M. M., MacLean, K., Kaelen, M., Nutt, D. J., & Carhart-Harris, R. L. (2018). Effects of psilocybin therapy on personality structure. *Acta Psychiatrica Scandinavica*, 138(5), 368–378. <https://doi.org/10.1111/acps.12904>
- Escobar, J. A. C., & Roazzi, A. (2010). Substâncias psicodélicas e psilocibina. *Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre Psicoativos-NEIP*. Disponível em: https://neip.info/novo/wp-content/uploads/2015/04/escobarroazzi_substancias.pdf
- Fanhofmann, M. (2019). *Ayahuasca e psilocibina - Ensaio sobre ciência, legislação, sociedade, espiritualidade e terapias psicodélicas* (2. ed.). Clube dos Autores.
- Garcia-Romeu, A., Davis, A. K., Erowid, E., Erowid, F., Griffiths, R. R., & Johnson, M. W. (2020). Persisting reductions in cannabis, opioid, and stimulant misuse after naturalistic psychedelic use: An online survey. *Frontiers in Psychiatry*, 10(955).

<https://doi.org/10.3389/fpsy.2019.00955>

Garcia-Romeu, A., Davis, A. K., Erowid, F., Erowid, E., Griffiths, R. R., & Johnson, M. W. (2019). Cessation and reduction in alcohol consumption and misuse after psychedelic use. *Journal of Psychopharmacology (Oxford, England)*, 33(9), 1088–1101. <https://doi.org/10.1177/0269881119845793>

Goodwin, G. M., Malievskaia, E., Fonzo, G. A., & Nemeroff, C. B. (2023). Must psilocybin always “assist psychotherapy”? *American Journal of Psychiatry*, 181(1), 1–82. <https://doi.org/10.1176/appi.ajp.20221043>

Gosling, S. D., Vazire, S., Srivastava, S., & John, O. P. (2004). Should we trust web-based studies? A comparative analysis of six preconceptions about internet questionnaires. *American Psychologist*, 59(2), 93–104. <https://doi.org/10.1037/0003-066X.59.2.93>

Griffiths, R. R., Johnson, M. W., Carducci, M. A., Umbricht, A., Richards, W. A., Richards, B. D., Cosimano, M. P., & Klinedinst, M. A. (2016). Psilocybin produces substantial and sustained decreases in depression and anxiety in patients with life-threatening cancer: A randomized double-blind trial. *Journal of Psychopharmacology (Oxford, England)*, 30(12), 1181–1197. <https://doi.org/10.1177/0269881116675513>

Griffiths, R. R., Richards, W. A., McCann, U., & Jesse, R. (2006). Psilocybin can occasion mystical-type experiences having substantial and sustained personal meaning and spiritual significance. *Psychopharmacology*, 187(3), 268–283. <https://doi.org/10.1007/s00213-006-0457-5>

Grob, C. S., Danforth, A. L., Chopra, G. S., Hagerty, M., McKay, C. R., Halberstadt, A. L., & Greer, G. R. (2011). Pilot study of psilocybin treatment for anxiety in patients with advanced-stage cancer. *Archives of General Psychiatry*, 68(1), 71–78. <https://doi.org/10.1001/archgenpsychiatry.2010.116>

- Johnson, M. W., Garcia-Romeu, A., Cosimano, M. P., & Griffiths, R. R. (2014). Pilot study of the 5-HT_{2A}R agonist psilocybin in the treatment of tobacco addiction. *Journal of Psychopharmacology (Oxford, England)*, 28(11), 983–992. <https://doi.org/10.1177/0269881114548296>
- Johnson, M. W., Garcia-Romeu, A., & Griffiths, R. R. (2017a). Long-term follow-up of psilocybin-facilitated smoking cessation. *The American Journal of Drug and Alcohol Abuse*, 43(1), 55–60. <https://doi.org/10.3109/00952990.2016.1170135>
- Johnson, M. W., Garcia-Romeu, A., Johnson, P. S., & Griffiths, R. R. (2017b). An online survey of tobacco smoking cessation associated with naturalistic psychedelic use. *Journal of Psychopharmacology (Oxford, England)*, 31(7), 841–850. <https://doi.org/10.1177/0269881116684335>
- Kaertner, L. S., Steinborn, M. B., Kettner, H., Spriggs, M. J., Roseman, L., Buchborn, T., Balaet, M., Timmermann, C., Erritzoe, D., & Carhart-Harris, R. L. (2021). Positive expectations predict improved mental-health outcomes linked to psychedelic microdosing. *Scientific Reports*, 11(1941). <https://doi.org/10.1038/s41598-021-81446-7>
- Kohlsdorf, M., & Costa, Á. L., Jr. (2009). O autorrelato na pesquisa em psicologia da saúde: Desafios metodológicos. *Psicol. Argum.*, 27(57), 131–139. <http://repositorio.unb.br/handle/10482/6028>
- Krebs, T. S., & Johansen, P. (2013). Over 30 million psychedelic users in the United States. *F1000Research*, 2(98). <https://doi.org/10.12688/f1000research.2-98.v1>
- Lipp, M. E. N., & Lipp, L. M. N. (2020). Stress e transtornos mentais durante a pandemia da COVID-19 no Brasil. *Boletim - Academia Paulista de Psicologia*, 40(99), 180–191. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-

711X2020000200003&lng=pt&tlng=pt.

- Lipp, M. E. N., & Lipp, L. M. N. (2022). O impacto da pandemia da covid-19 no nível de stress, saúde mental e valores do ser humano. *Boletim - Academia Paulista de Psicologia*, 42(103), 124–132. <https://doi.org/10.5935/2176-3038.20220013>
- Lipp, M. E. N., Sagradim, D. E. V., Saar, M., Araújo, S. R., & Lipp, L. M. N. (2023). Stress no Brasil 2022: A herança da pandemia da covid-19. *Boletim - Academia Paulista de Psicologia*, 43(104), 26–37. <https://doi.org/10.5935/2176-3038.20230004>
- Lovibond, S. H., & Lovibond, P. F. (2004). *Manual for the Depression Anxiety Stress Scales* (4^o ed). Psychology Foundation.
- Ministério da Saúde. (1998). *Portaria nº 344, de 12 de maio de 1998. Aprova o Regulamento Técnico sobre substâncias e medicamentos sujeitos a controle especial*. Diário Oficial da União. https://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/svs/1998/prt0344_12_05_1998_rep.html
- Morais, P. R., Areco, N. K. C., Fidalgo, T. M., & Silveira, D. X. (2022). Mental health and quality of life in a population of recreative cannabis users in Brazil. *Journal of Psychiatric Research*, 146, 11–20. <https://doi.org/10.1016/j.jpsychires.2021.12.010>
- Nichols, D. E. (2014). The Heffter Research Institute: Past and hopeful future. *Journal of Psychoactive Drugs*, 46(1), 20–26. <https://doi.org/10.1080/02791072.2014.873688>
- Nichols, D. E. (2016). Psychedelics. *Pharmacological Reviews*, 68(2), 264–355. <https://doi.org/10.1124/pr.115.011478>
- Orsolini, L., Papanti, G. D., Francesconi, G., & Schifano, F. (2015). Mind navigators of chemicals' experimenters? A web-based description of e-psychnauts. *Cyberpsychology, Behavior and Social Networking*, 18(5), 296–300. <https://doi.org/10.1089/cyber.2014.0486>

-
- Orsolini, L., John-Smith, P., St., McQueen, D., Papanti, D., Corkery, J., & Schifano, F. (2017). Evolutionary considerations on the emerging subculture of the e-psychnauts and the novel psychoactive substances: A comeback to the shamanism? *Current Neuropharmacology*, 15(5), 731–737. <https://doi.org/10.2174/1570159X15666161111114838>
- Passie, T., Seifert, J., Schneider, U., & Emrich, H. M. (2002). The pharmacology of psilocybin. *Addiction Biology*, 7(4), 357–364. <https://doi.org/10.1080/1355621021000005937>
- Perkins, D., Schubert, V., Simonová, H., Tófoli, L. F., Bouso, J. C., Horák, M., Galvão-Coelho, N. L., & Sarris, J. (2021). Influence of context and setting on the mental health and wellbeing outcomes of ayahuasca drinkers: Results of a large international survey. *Frontiers in Pharmacology*, 12(623979). <https://doi.org/10.3389/fphar.2021.623979>
- Phelps, J. (2017). Developing guidelines and competencies for the training of psychedelic therapists. *Journal of Humanistic Psychology*, 57(5), 450–487. <https://doi.org/10.1177/0022167817711304>
- Ramos, F. P., Reis, L. B., Iglesias, A., Andrade, A. L. D., Gandra, C. T., & Costa, E. F. (2024). Consumo de drogas como estratégia de regulação emocional durante pandemia de COVID-19. *Revista Psicologia em Pesquisa*, 18(3). <https://doi.org/10.34019/1982-1247.2024.v18.36131>
- Roberts, C. A., Osborne-Miller, I., Cole, J., Gage, S. H., & Christiansen, P. (2020). Perceived harm, motivations for use and subjective experiences of recreational psychedelic “magic” mushroom use. *Journal of Psychopharmacology (Oxford, England)*, 34(9), 999–1007. <https://doi.org/10.1177/0269881120936508>
- Rootman, J. M., Kryskow, P., Harvey, K., Stamets, P., Santos-Brault, E., Kuypers, K. P. C., Polito, V., Bourzat, F., & Walsh, Z. (2021). Adults who microdose psychedelics report

- health related motivations and lower levels of anxiety and depression compared to non-microdosers. *Scientific Reports*, 11(22479). <https://doi.org/10.1038/s41598-021-01811-4>
- Roseman, L., Nutt, D. J., & Carhart-Harris, R. L. (2018). Quality of acute psychedelic experience predicts therapeutic efficacy of psilocybin for treatment-resistant depression. *Frontiers in Pharmacology*, 8(974). <https://doi.org/10.3389/fphar.2017.00974>
- Rosenbaum, D., Weissman, C., Anderson, T., Petranker, R., Dinh-Williams, L., Hui, K., & Hapke, E. (2020). Microdosing psychedelics: Demographics, practices, and psychiatric comorbidities. *Journal of Psychopharmacology (Oxford, England)*, 34(6), 612–622. <https://doi.org/10.1177/0269881120908004>
- Ross, S., Bossis, A., Guss, J., Agin-Liebes, G., Malone, T., Cohen, B., Mennenga, S. E., Belser, A., Kalliontzi, K., Babb, J., Su, Z., Corby, P., & Schmidt, B. L. (2016). Rapid and sustained symptom reduction following psilocybin treatment for anxiety and depression in patients with life-threatening cancer: A randomized controlled trial. *Journal of Psychopharmacology (Oxford, England)*, 30(12), 1165–1180. <https://doi.org/10.1177/0269881116675512>
- Salvador, P. T. C. O., Alves, K. Y. A., Rodrigues, C. C. F. M., & Oliveira, L. V. (2020). Estratégias de coleta de dados online nas pesquisas qualitativas da área da saúde: Scoping review. *Revista Gaúcha de Enfermagem*, 41(e20190297). <https://doi.org/10.1590/1983-1447.2020.20190297>
- Schenberg, E. E. (2018). Psychedelic-Assisted Psychotherapy: A paradigm shift in psychiatric research and development. *Frontiers in Pharmacology*, 9(733). <https://doi.org/10.3389/fphar.2018.00733>

- Schultes, R. E. (1969). Hallucinogens of plant origin: Interdisciplinary studies of plants sacred in primitive cultures yield results of academic and practical interest. *Science (New York, N.Y.)*, *163*(3864), 245–254. <https://doi.org/10.1126/science.163.3864.245>
- Sellers, E. M. (2017). Psilocybin: Good trip or bad trip. *Clinical Pharmacology and Therapeutics*, *102*(4), 580–584. <https://doi.org/10.1002/cpt.697>
- Meer, P. B., Fuentes, J. J., Kaptein, A. A., Schoones, J. W., Waal, M. M., Goudriaan, A. E., Kramers, K., Schellekens, A., Somers, M., Bossong, M. G., & Batalla, A. (2023). Therapeutic effect of psilocybin in addiction: A systematic review. *Frontiers in Psychiatry*, *14*(1134454). <https://doi.org/10.3389/fpsy.2023.1134454>
- Vignola, R. C. B. (2013). *Escala de depressão, ansiedade e estresse (DASS): Adaptação e validação para o português do Brasil* [Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de São Paulo]. <https://repositorio.unifesp.br/handle/11600/48328>
- Vignola, R. C. B., & Tucci, A. M. (2014). Adaptation and validation of the depression, anxiety and stress scale (DASS) to Brazilian Portuguese. *Journal of Affective Disorders*, *155*, 104–109. <https://doi.org/10.1016/j.jad.2013.10.031>
- Watts, R., Day, C., Krzanowski, J., Nutt, D., & Carhart-Harris, R. (2017). Patients' accounts of increased “connectedness” and “acceptance” after psilocybin for treatment-resistant depression. *Journal of Humanistic Psychology*, *57*(5) 520–564. <https://doi.org/10.1177/0022167817709585>
- Winstock, A. R., Timmerman, C., Davies, E., Maier, L. J., Zhuparris, A., Ferris, J. A., Barratt, M. J., & Kuypers, K. P. C. (2021). *GDS 2020 Psychedelics Key Finding Report*. Global Drug Survey (GDS).